



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ADAULAN SOUSA BRÁZ**

**ESTRESSE E SÍNDROME DE BURNOUT EM POLICIAIS MILITARES: REVISÃO  
DE LITERATURA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2018

**ADAILAN SOUSA BRÁZ**

**ESTRESSE E SÍNDROME DE BURNOUT EM POLICIAIS MILITARES: REVISÃO  
DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Graduação em  
Psicologia, do Centro Universitário Doutor  
Leão Sampaio, em cumprimento às exigências  
para obtenção do Grau de Bacharel em  
Psicologia.

Orientadora: Prof. Ítalo Emanuel Pinheiro de  
Lima.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

# ESTRESSE E SÍNDROME DE BURNOUT EM POLICIAIS MILITARES: REVISÃO DE LITERATURA

Adaulan Sousa Bráz<sup>1</sup>  
Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima<sup>2</sup>

## RESUMO

O estresse do ambiente de trabalho tem acometido diversas ocupações laborais, adoecendo profissionais em um nível severo e prejudicial. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo analisar como o estresse no ambiente de trabalho da Polícia Militar tem contribuído para o acometimento da Síndrome de Burnout, doença que sinaliza o esgotamento profissional. Como procedimento metodológico ocorreu a exploração da literatura pertinente ao tema, tendo esse levantamento bibliográfico iniciado em outubro de 2016 e concluído até novembro de 2018. Os artigos relacionados ao tema foram selecionados nas bases de dados científicas: Lilacs, Pubmed, Scielo e Medline, BVS. BVS psicologia. PEPSICO e Google Acadêmico. Foram incluídos todos os trabalhos que investigaram a respeito do estresse ocupacional e do ambiente de trabalho da Polícia Militar como preditor da Síndrome de Burnout, com publicação entre 2013 e 2018. Ainda como critério de seleção, somente foram escolhidos trabalhos com publicação na Língua Portuguesa realizados no cenário nacional e no formato artigo científico e com metodologia de coleta de dados direta à população foco do estudo, que no caso são policiais militares. Ao todo, foram encontrados o quantitativo de oito estudos. De modo geral, as pesquisas encontraram alto nível de estresse no ambiente de trabalho do policial militar, e forte indício de Síndrome de Burnout ou de risco de desenvolver a referida síndrome. Todos os estudos apontaram que o enfrentamento de demandas de risco à vida, o contato constante com violências entre outras vulnerabilidades sociais, fazem da atividade policial uma variável para o desenvolvimento de doenças de cunho laboral. Algumas pesquisas tentaram demonstrar que assim como o cenário de enfrentamento de demanda de risco é uma fonte de estresse em potencial, questões administrativas e organizacionais de operacionalização do fazer policial, tais como a insatisfação com as funções desempenhadas, a realização de trabalho além do horário de expediente normal ou em horário irregular, o relacionamento entre superiores hierárquicos, entre outros, podem ser uma variável bastante potente para o desencadeamento de doenças dessa natureza. Portanto, conclui-se que as perspectivas de enfrentamento à problemática aqui abordada vislumbram um contexto organizacional menos embaraçoso e um cenário social mais apaziguado, contudo, isso não depende somente de policiamento militar.

**Palavras-chave:** Polícia Militar. Estresse ocupacional. Síndrome de Burnout.

## ABSTRACT

The stress of the work environment has affected several occupations of work, hurting professionals at a severe and harmful level. In this context, This research aimed to analyze how the stress in the work environment of the Military Police has contributed to the Burnout Syndrome, a disease that indicates the professional exhaustion. As a methodological procedure, the literature exploring the topic was explored, and this bibliographic survey began in October 2016 and was completed until November 2018. The articles related to the topic were selected

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia do Centro universitário Dr. Leão Sampaio [adaulanbraz07@gmail.com](mailto:adaulanbraz07@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor do Curso de psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio [italo@leaosampaio.edu.br](mailto:italo@leaosampaio.edu.br).

from the scientific databases Lilacs, Pubmed, Scielo and Medline, VHL . VHL psychology. PEPSICO and Google Scholar. All studies that investigated the occupational stress and working environment of the Military Police as a predictor of Burnout Syndrome, with publication between 2013 and 2018, were included. As a selection criterion, only papers published in the Portuguese language were selected in the national scenario and in the scientific article format and with methodology of direct data collection to the population focus of the study, which in the case are military police officers. In all, the quantitative of eight studies were found. In general, research has found a high level of stress in the military police work environment, and a strong indication of Burnout Syndrome or a risk of developing the syndrome. All studies pointed out that coping with life-threatening demands, constant contact with violence among other social vulnerabilities, make police activity a variable for the development of occupational diseases. Some research has attempted to demonstrate that just as the risk demand coping scenario is a potential source of stress, administrative and organizational issues of police making, such as dissatisfaction with job functions, completion of work beyond hours normal or irregular hours, the relationship between hierarchical superiors, among others, can be a very potent variable for triggering such diseases. Therefore, it is concluded that the perspectives of confrontation to the problematic here dealt with a less embarrassing organizational context and a more appeased social scene, however, this does not depend only on military policing.

**Keywords:** Military Police. Occupational stress. Burnout syndrome.

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho é um importante elemento na constituição do sujeito. Por meio dele é possível suprir necessidades pessoais, ter acesso a bens de consumos e diversos serviços, e entre outras possibilidades, contribui para a autonomia do indivíduo. E levando ainda em consideração o papel/função que as atividades laborais ocupam na sociedade, o trabalho pode representar um forte elemento constituinte da identidade, evidenciando ideologias e condutas. Por todas essas características, o trabalho pode determinar positivamente a qualidade de vida (ARAÚJO, SACHUK, 2007).

Contudo, a depender de determinadas condições de trabalho, tais como ritmo acelerado, excesso de atividades, competitividades, relações de poder, entre outras variáveis presentes em certas atividades laborais, o trabalho pode afetar muito negativamente a vida do sujeito no que tange à sua saúde (ASCARI, DUMKE; DACOL et al. 2016).

Diversas podem ser as doenças adquiridas no ambiente de trabalho, no entanto, considerando as inúmeras possibilidades de discussões sobre tal questão, nesta pesquisa o foco volta-se para estresse no ambiente de trabalho e suas implicações para o adoecimento do trabalhador. A esse respeito, o diretor geral Organização Internacional do Trabalho, Ryder (2016,p. 01), apresenta “que mais de 40 milhões de pessoas são afetadas por estresse

relacionado ao trabalho no interior da União Europeia e que o custo estimado da depressão relacionada ao trabalho é de € 617 bilhões por ano”.

Cabe acrescentar que todas as profissões, sejam elas de países desenvolvidos ou em desenvolvimento, são afetadas por estresse relacionado ao trabalho. Ou seja, o adoecimento pelo estresse no ambiente de trabalho tem sido uma queixa recorrente no mundo inteiro, acometendo as mais diversas ocupações (RYDER, OIT, 2016). Esses dados apresentam a relevância de abordar sobre o assunto. Contudo, notadamente ainda ampla as possibilidades de abordar sobre esse tema, nesta pesquisa as discussões ocorrerão tendo como delimitação o ambiente de trabalho da Polícia Militar.

O objetivo do estudo é analisar, a partir da literatura pertinente ao tema publicados no período entre 2013 e 2018, como o estresse no ambiente de trabalho da Polícia Militar tem contribuído para o acometimento da Síndrome de Burnout, doença que sinaliza o esgotamento profissional. Nos objetivos específicos; identificar a incidência da Síndrome de Burnout em policiais militar; correlacionar condições de trabalho do policial militar com o esgotamento profissional; identificar alternativas viáveis para o enfrentamento do estresse em policiais.

Em um breve resumo sobre a atuação da polícia, Ascari, Dumke, Dacol et al. (2016) apresentam que

A função do policial, como agente da lei e repressor da criminalidade, exige alerta constante e prontidão para atuar em situações inesperadas num contexto de crescente violência urbana. Ele atua, geralmente, em ambientes muitas vezes perigosos e insalubres, acrescido às pressões e exigências do próprio trabalho. Somam-se a isto a rígida hierarquia do serviço militar, além de pressões e demandas administrativas e organizacionais, fatores que podem causar estresse e afetar negativamente a saúde e o estilo de vida desse profissional. Sendo assim, constata-se que os policiais militares enfrentam muitos desafios para promover a ordem e manter a segurança pública. Todo esse quadro favorece o desenvolvimento da Síndrome do Burnout e outras doenças relacionadas ao trabalho (ASCARI; DUMKE; DACOL et al. 2016. p. 2)

Conforme foi exposto, o trabalho do policial militar apresenta muitas condições que podem ser adoecedoras, essa característica da profissão é motivadora para o desenvolvimento de pesquisas que vislumbrem estudos na área e possibilidades de melhoras do trabalho policial. A escolha por discutir esse tema tendo como pano de fundo a Polícia Militar, se justifica por ser o autor desta pesquisa um profissional da área, ampliando assim, o interesse na compreensão do problema e na difusão do assunto na comunidade científica, que tem poucas publicações na área. Considerando o papel policial para sociedade, construir conhecimento sobre o adoecimento de profissionais desse setor é uma tentativa de buscar soluções para melhorar a

vida desses trabalhadores, respingando na qualidade de sua atuação e refletindo em um melhor serviço para a sociedade.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O CENÁRIO DA ATUAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR NO BRASIL**

Antes de aprofundar a discussão sobre a atuação da policial militar em seu lugar na história do País, cabe algumas considerações sobre seu papel na sociedade segundo o Art. 144. a Constituição Federal dispõe que

“A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:

- I - polícia federal;
- II - polícia rodoviária federal;
- III - polícia ferroviária federal;
- IV - polícias civis;
- V - polícias militares e corpos de bombeiros militares.

[...]

§ 5º Às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil.

§ 6º As polícias militares e corpos de bombeiros militares, forças auxiliares e reserva do Exército, subordinam-se, juntamente com as polícias civis, aos Governadores dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios.

§ 7º A lei disciplinará a organização e o funcionamento dos órgãos responsáveis pela segurança pública, de maneira a garantir a eficiência de suas atividades.

Como apresenta Fraga (2005), a atividade-fim do policial ostensivo é exercida pelo profissional fardado, em locais públicos, com caráter preventivo, pela observação e fiscalização, com a atitude de vigilância, tentando coibir a ação de infratores e evitar a ocorrência de atos delituosos. A atuação profissional da polícia está sujeita às condições contextuais nas quais está imersa, e a depender de cada realidade, as atividades laborais dessa profissão ganha maior ou menor complexidade. Segundo Poncioni (2005), no cenário nacional, contempla-se uma realidade marcada por muita violência que vem em uma crescente desde os anos 1970, sendo ainda mais complexa nas regiões metropolitanas e periféricas de grandes cidades. Meio a tudo isso, o sistema judiciário e atuação policial tem têm sido ineficaz.

Há um sentimento generalizado de insegurança. Dadas as circunstâncias, todos são potenciais vítimas de violência. E nesse clima de medo coletivo, a sociedade fica limitada em

termos de condições de liberdade para o ir e vir das pessoas. O clima instaurando é de caos e de descontrole (PONCIONI, 2005).

Tem sido difícil encontrar uma medida de enfrentamento efetiva a esse fenômeno social tão forte que se tornou a violência. As autoridades articuladas em repensar saídas a esse respeito, têm apontado como forte alternativa, profissionalizar a polícia brasileira a fim de que se torne mais eficiente. Tem se assumido uma verdadeira guerra ao crime, e aos policiais cabem o dever de ganhar repertório para vencer esse jogo. Os modelos de profissionalização policial têm sido nesse sentido.

Dando complexidade ao assunto, Monjadert (2003. P. 297 apud Pinheiro 2014, p. 297), apresenta as expectativas da sociedade no tocante à atuação policial:

O cidadão espera do policial que ele tenha a sabedoria de Salomão, a coragem de Davi, a força de Sansão, a paciência de Jô, a autoridade de Moises, a bondade e Bom Samaritano, o saber estratégico de Alexandre, a diplomacia de Lincoln, a tolerância de Carpinteiro de Nazaré e, enfim, um conhecimento profundo das ciências naturais, biológicas e sociais (MONJADERT, 2003, p. 297, apud PINHEIRO, 2014, p. 297)

E assim, para ser cada vez mais extensivo e enfrentar esse cenário de cobranças frente à violência, Pinheiro (2014) discorre que ao longo do século XIX a formação profissional do policial tem sido marcada por uma política de humanização em detrimento de antigas práticas da atuação policial. Uma apresentação entre “o velho e o novo fazer policial” nesse processo histórico, é que em um primeiro momento, as práticas tradicionais se diferenciam das práticas comunitárias por fazer o uso da violência como instrumental em situação de conflito. Em um segundo momento, as práticas se assemelham quando se pretendem fazer acontecer o cumprimento da ordem e da lei. E como um grande desafio, a polícia dentro de uma filosofia comunitária não pode fazer o uso de força quando isso desrespeitar os direitos humanos.

Ainda segundo o mesmo autor, na medida em que toda polícia trabalha para a comunidade, qualquer que seja o modelo policial é comunitário. Um ponto a considerar de discrepância entre a polícia comunitária e a tradicional é a forma como ambas enxergam as soluções para os crimes. No primeiro modelo, a polícia age em uma medida preventiva, sendo um importante ator na operacionalização de políticas sociais, tais como trabalhos voltados a drogadição, ações de valorização aos direitos humanos, mediação de conflitos, entre outros. Enquanto no modelo tradicional, a repressão ao crime e ao criminoso tem maior relevância do que medidas preventivas.

Na visão de França (2014), a necessidade de construção de novas formas da prática policial é a aproximação entre instituições policiais e a sociedade, de modo que ambos atores

destas duas classes percebam o policial como constituinte da sociedade. Outro ponto marcante é a necessidade de uma atuação preventiva, cujo fim é não resolver problemas da violência com mais violência.

Rolim (2006) aborda essa diferenciação entre policiamento tradicional e o policiamento comunitário contextualizando ideologias políticas ditas de direita e de esquerda. Em sua defesa, a política comunitária parte de uma proposição progressista cuja diminuição da violência se daria através da diminuição da desigualdade social, enquanto a polícia tradicional parte para a abordagem do produto violência como demanda única.

Cabe salientar que a política de policiamento comunitário é um fenômeno que tem ocorrido em vários países, alguns deles com histórias e experiências a contar, como é o caso dos Estados Unidos, Inglaterra, França, Canadá, dentre outros. No cenário nacional, as primeiras experiências de policiamento comunitário aconteceram no estado do Ceará e do Espírito Santo. Foram estes os primeiros estados a incluir as disciplinas de direitos humanos e seminários na área de policiamento comunitário nos cursos de Formação das Academias das Polícias e a fazer uma operacionalização de um trabalho em parceria com a comunidade (PINHEIRO, 2014)

Segundo Pinheiro (2014):

No estado do Ceará, as mudanças na concepção de policiamento tiveram como ponto inicial o envolvimento de policiais civis e militares em práticas criminosas contra o patrimônio público e privado, além de abuso de poder. A principal dessas ações ocorreu em 20 de junho de 1997, ocasião em que foi preso o policial civil João Alves de França. No episódio, conhecido como o “Caso França”, as denúncias possibilitaram um questionamento acerca da legitimidades dessas polícias como “representante da ordem pública” (PINHEIRO, 2014, p. 20).

Esse foi o marco da polícia militar comunitária no Brasil. Como visto, é uma implementação recente, dando mais complexidade ao exercício laboral dessa profissão, lançando a sociedade a expectativa que esses venham a ter controle de uma gama de questões pertinentes à segurança pública. Além de toda essa complexidade, soma-se a isso uma realidade atual de grande violência. No Brasil, Segundo a Segundo a Organização Mexicana de Violência e Paz, 17 das 50 cidades mais violentas do mundo estão no Brasil, de acordo com dados do ano de 2016.

Duarte (2016) contextualiza e faz duras críticas ao cenário atual, cuja dinâmica é a operacionalização de um modelo policial que funciona com empresariamento da segurança pública:

O processo do qual os programas e políticas públicas de cunho neoliberal resultam e fazem parte, significa exatamente a implantação dessa nova cultura organizacional, semelhante à de empresas como a OCP, nas corporações policiais, culminando na utilização dos trabalhadores policiais como se fossem “RoboCops” da vida real, resultando em adoecimento, muitas vezes de ordem psicológica<sup>15</sup>, stress e até morte desses agentes.(DUARTE, 2016, p. 219)

Todo esse cenário, marcado por muita violência e cobranças de respostas da população, e negação da condição humana dos policiais militares tem os levado a se empenhar em suas atividades laborais com a responsabilidade de vencer uma guerra ao crime que parece não ter fim e no contato contínuo com essa realidade estressante, muitos profissionais da área têm chegado ao seu limite, ao esgotamento profissional, ao adoecimento.

## 2.2 ESTRESSE E BURNOUT EM POLICIAIS

Burnout é uma síndrome que afeta trabalhadores que estão em grande parte em contato com pessoas durante suas jornadas de trabalho, causando exaustão emocional e despersonalização dado o envolvimento que estes desenvolvem com o objeto de trabalho. Uma característica desta síndrome é o aumento de sentimentos relacionado à exaustão emocional, aliada ao desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas frente às pessoas que se relacionam no e pelo trabalho. Atitudes que parecem estar ligadas à experiência da exaustão emocional, pela exposição à alta demanda decorrente do trabalho e à falta de recursos emocionais que a pessoa possui para enfrentar tal situação (ASCARI, 2016).

Ainda segundo as ideias do mesmo autor, destaca-se que exaustão emocional e despersonalização são dois aspectos bem interrelacionados na síndrome de Burnout. Outro ponto importante diz respeito a autoavaliação, como o profissional se percebe no exercício de suas atividades laborais, se consegue ou não ter êxito, e frente a um quadro desconfortável operante detectado, o exercício laboral passa a ser um estressor.

Nesse contexto, se convencionou chamar de Síndrome de Burnout o “quadro clínico mental extremo, decorrente da cronificação do estresse ocupacional” (GUIMARÃES, 2014, p. 102). O estresse, por sua vez, segundo Lipp e Rocha (2007), é uma reação do organismo frente a situações sinalizadas como tensas e ameaçadoras, numa tentativa de defesa em que o sistema imunológico é ativado em baixa ou alta magnitude, a depender de como uma dada situação estressora ativou esse mecanismo. Nesse sentido, a princípio a reação de estresse se propõe necessária para uma alta performance orgânica, contudo, o enfrentamento contínuo e

prolongado de situações dessa natureza pode levar ao efeito inverso que é a autoagressão do organismo, culminando em muitas patologias.

Em suma, a Síndrome de Burnout é o resultado de um stresse crônico provocado pelo trabalho e é composto por comportamentos e sentimentos negativos em relação aos pares e à própria tarefa laboral, bem como por sentimentos de exaustão emocional. Aliás, é frequentemente conceptualizado como uma síndrome em que se une a exaustão emocional, despersonalização e diminuição no desempenho das funções e da realização pessoal (MAGALHÃES; SILVA; SANTOS, 2013).

De acordo com Jesus, Silva e Carreiro (2016, p. 13):

Categories profissionais como a dos militares, demarcadas por constante pressão emocional, exigência do estado de prontidão, situações de emergências rotineiras e repetitivas, escalas desgastantes e contatos interpessoais intensos dentre outros são favoráveis ao desenvolvimento de transtornos mentais e comportamentais, dentre os quais a SB (JESUS, SILVA; CARREIRO)

No ponto de vista desses mesmos autores, a pressão pela qual passa um policial militar no exercício de suas atividades laborais, que entre outras exposições coloca em risco a própria vida, os deixam mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos como a Síndrome de Burnout. No contexto das forças militares e paramilitares, Selye (1974 apud MAGALHÃES; SILVA; SANTOS, 2013) refere que pela própria natureza do trabalho, forças que zelam pela segurança da sociedade, a profissão policial militar encontra-se entre as atividades laborais mais estressantes do mundo, o que deixa a categoria sensivelmente mais vulnerável a assaltos de Burnout. Neves et al. (2016), também contempla a trabalho da polícia militar como sendo muito arriscado, tendo em vista o perigo e violência constante e recorrente, sendo assim, o estresse nesse meio laboral é naturalmente uma rotina.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo constitui-se de uma Revisão de Literatura, composto a partir dos outros estudos já existentes e discutidos sobre a temática aqui abordada. Segundo o conceito de Souza, Silva e Carvalho (2010), pode ser esta pesquisa classificada enquanto revisão integrativa, por metodologicamente permitir a síntese de conhecimentos já produzidos, para que haja a constituição de uma nova análise dos fenômenos e assim a produção de um novo conhecimento.

No percurso da pesquisa foi realizado o levantamento bibliográfico, com início em outubro de 2016 e concluído até novembro de 2018. Os artigos relacionados ao tema foram selecionados nas bases de dados científicas: Lilacs, Pubmed, Scielo e Medline, BVS. BVS psicologia. PEPSICO e Google Acadêmico. Sobre os trabalhos pesquisados nessa última base de dados, como ela é a menos rigorosa, teve-se o cuidado de incluir somente pesquisas com publicações em revistas, a fim de manter o rigor científico deste estudo. Nos Descritores em Ciências da Saúde - DECS fez-se a busca através dos descritores: Polícia Militar. Estresse ocupacional. Síndrome de Burnout.

Foram incluídos todos os trabalhos que investigaram a respeito do estresse ocupacional e do ambiente de trabalho da Polícia Militar como preditor da Síndrome de Burnout, com publicação entre 2013 e 2018. Ainda como critério de seleção, somente foram escolhidos trabalhos com publicação na Língua Portuguesa realizados no cenário nacional e no formato artigo científico e com metodologia de coleta de dados direta à população foco do estudo, que no caso são policiais militares. Pesquisas unicamente bibliográficas e de revisão ficaram de fora, além de trabalhos com metodologia inconsistente.

## **4 RESULTADO E DISCUSSÕES**

Ao todo foram encontradas oito pesquisas dentro dos critérios estabelecidos, uma no ano de 2013, duas em 2014, nenhuma em 2015, duas em 2016, duas em 2017 e uma em 2018.

A análise mais aprofundada das pesquisas desenvolvidas na área aqui abordada gerou uma grande categoria temática, a qual está apresentado na seguinte tópico: a correlação entre a prática policial e a Síndrome de Burnout, que aborda sobre a incidência da síndrome de Burnout e estresse na população pesquisada, correlacionando esses dados com sua prática profissional.

### **4.1 A INCIDÊNCIA DE ESTRESSE E DA SÍNDROME DE BURNOUT EM POLICIAIS SEGUNDO AS PESQUISAS.**

Em pesquisa realizada por Ascari, Dumke e Dakol et al. (2016), tendo como cenário um batalhão da polícia militar de um município do oeste catarinense. Dos 272 policiais presentes no municípios, participaram do estudo 127 deles, os quais foram selecionados de forma

intencional optando por aqueles que estavam presentes no momento da coleta de dados e quiseram participar voluntariamente. Para a coleta de dados foi utilizado o Inventário de Burnout - MBI - Maslach Burnout Inventory. O instrumento é composto por uma escala tipo likert , que é composto por 22 itens referentes a três dimensões, que são elas: despersonalização, exaustão emocional e baixa realização profissional.

Percebeu-se um nível de exaustão emocional do tipo alto em 66,92% dos participantes (expressa os sentimentos negativos dos policiais frente ao trabalho). A despersonalização foi caracterizada do tipo médio em 66,92% policiais, sendo que 3,13% apresentaram despersonalização em nível alto (despersonalização diz respeito à eliminação da singularidade do outro nas relações interpessoais, é uma insensibilidade). Quanto realização profissional, constatou-se um nível alto, 96%, indicando que os profissionais indicados conseguem apresentar eficácia e produção de trabalho (ASCARINI; DUMKE; DACOL et al 2016)

Quanto ao cruzamento das três dimensões da Síndrome de Burnout com as variáveis ter ou não filhos, estado civil e possuir outro emprego, não teve significância estatística. Contudo, a investigação evidenciou que a jornada de trabalho é uma variável influente para o desgaste laboral. Os profissionais que trabalhavam em turnos definidos estão menos propensos à Síndrome do que os trabalham em escalas de plantão (ASCARINI; DUMKE; DACOL et al. 2016)

Diante desses resultados da pesquisa, é possível inferir que a própria demanda da atividade do policial militar, marcada pelo enfrentamento de muita situação de violência e risco, é potencialmente estressante, contudo, variáveis relacionadas a dinâmica organizacional enquanto ambiente para operacionalização do trabalho de forma menos conflituosa, como jornada de trabalho, a disposição de acompanhamento à qualidade de vida e constantes reflexões sobre a atividade policial são fundamentais para enfrentar riscos à saúde desse profissionais.

Estudo semelhante foi realizado por Guimarães, Mayer, Bueno et al (2014), tendo como cenário a cidade de Campo Grande-MS. Foram estudados 474 policiais, dos quais 240 militares e 234 civis, sendo que essa é apenas uma mostra já a cidade contava, no período do estudo, com 2321 profissionais atuantes. A coleta de dados foi feita através do instrumento Inventário de Burnout - MBI - Maslach Burnout Inventory. “A amostra como um todo apresentou 56% de SB com índice significativamente maior para os PCs, que apresentaram também índices mais elevados que os PMs nas três dimensões da SB” (GUIMARÃES; MAYER; BUENO et al. 2014. P. 99)

Neves, Oliveira e Ferreira et al. (2016) avaliaram a sintomatologia de estresse em policiais militares no interior de Rondônia através do Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL). Tal instrumento se compõe de três quadros pertinentes às fases do estresse, e permite uma medida objetiva dos sintomas de estresse em pessoas com idade superior a 15 anos. Participaram do estudo 33 profissionais.

Quanto aos resultados, eles revelam “que 42% apresentou sintomatologia de estresse na fase de resistência, 09% na de exaustão e 49% não apresentaram sintomas de estresse. Houve maior incidência de estresse na polícia de função de serviços internos” (NEVES, OLIVEIRA; FERREIRA et. al. 2016, p. 191).

Embora não tenha se encontrado dados consistentes sobre a incidência de Síndrome de Burnout na população pesquisada, o estudo de Neves, Oliveira, Ferreira et al. (2013) sugere que questões administrativas podem representar importantes variáveis para o desencadeamento de problemas relacionados ao estresse, o que implica mais em cuidado sobre como são desempenhadas as funções laborais do policial, já que existem modelos de operacionalização de trabalho mais estressantes.

Pawlowytsc, Batista e Batista (2013) também avaliaram o estresse em policiais militares através do Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL). Participaram do estudo 21 policiais militares de uma Companhia onde trabalhavam 40 profissionais, na cidade de Rio Negrinho-SC. Segundo os resultados, 61,9% desse número foi diagnosticado com estresse, e desse total 69,23% estavam na fase de resistência e 30,77% na fase de quase exaustão. Embora também tenham sido detectados sintomas físicos, os sintomas psicológicos predominaram.

O estudo de Pawlowytsc, Batista e Batista (2013) concluiu que a execução do trabalho pelo policial militar, como o atendimento de operações e ocorrências, se apresentou menos estressante do que os contextos nos quais estes policiais estão inseridos, como ambiente organizacional e as condições militaristas.

Liz, Silva, Arab et. al (2014), realizaram um estudo onde participaram 86 policiais militares de um Batalhão de Florianópolis-SC. Para a coleta de dados foi utilizada a "Escala de Estresse Percebido (EEP)".

A respeito da escala, ela:

[...] é constituída por 14 afirmações, nas quais o participante assinala uma opção que varia de 0 a 4 (0= Nunca; 1= Pouco; 2= Às vezes; 3= Regularmente e 4= Sempre) considerando o grau em que percebe a ocorrência das situações durante o último mês. A soma da pontuação das questões fornece escores que podem variar de zero (sem estresse) a 56 (estresse extremo) (LIZ; SILVA; ARA et. al., 2014, p. 471).

A análise dos dados permitiu concluir que de modo geral a população estudada vivencia níveis toleráveis de estresse, tendo em vista a pontuação 25,8 na escala utilizada. Detalhando melhor esses dados, “nos que possuíam até 35 anos de idade, nos que já passaram por algum evento traumático na carreira e nos que atuam na área operacional” (LIZ; SILVA; ARAB et al., 2014, p.468)

Sendo assim, o estudo não constatou incidência de Síndrome de Burnout nos participantes do estudo, mas sinaliza que os mesmos se encontram em situação de risco. Essa situação arriscada à saúde, segundo o estudo de Liz, Silva, Arab et al. (2014) se deve não somente pela a natureza das atividades realizadas, que são em muitos casos de alta periculosidade, mas também pelo fato desses profissionais estarem sobrecarregados e com relações internas conflituosas dentro da corporação, caracterizada pela hierarquia e rigidez disciplinar.

Almeida, Lopes e Costa et al (2017) desenvolveram um estudo no qual participaram 519 policiais militares de quartéis de cidades com localização no estado do Rio Grande do Sul. Nesse estudo foi aplicada para a coleta de dados a Escala de Estresse no Trabalho:

No geral, ocorreu predomínio do nível médio de estresse, com os seguintes estressores com as maiores médias: deficiência nos treinamentos para capacitação profissional (3,51); discriminação/favoritismo no ambiente de trabalho (3,40); poucas perspectivas de crescimento na carreira (3,37); pouca valorização por parte dos superiores (3,04); e, por fim, deficiência na divulgação de informações sobre as decisões organizacionais (3,00). (ALMEIDA; LOPES; COSTA et al. 2017, p.216).

Os dados coletados dão conta de um estado de estresse em nível mediano, sendo apresentado como importantes variáveis a esse respeito deficiências relacionadas à capacitação profissional, o que acarreta no sentimento de incapacidade para resolução de problemas pertinentes à prática policial. Outro ponto que mereceu destaque foi a questão da competitividade no ambiente de trabalho, cuja dinâmica permite um favoritismo de alguns em detrimento da falta de reconhecimento de outros. A falta de reconhecimento de superiores, a pouca possibilidade de ganhar projeção profissional, assim como a falta de comunicação sobre decisões, são outros fatores consideráveis no desenvolvimento de sintomas de estresse na população investigada.

Segundo o estudo, as variáveis de maior peso no desencadeamento de estresse em policiais são mais sobre a dinâmica de funcionamento do trabalho policial do que a própria demanda de enfrentamento à violência e outros perigos enfrentados pelo policial militar.

Alves, Bendassolli e Gondim (2017) verificaram o papel preditor do trabalho emocional na incidência de burnout em policiais militares. Participaram 525 profissionais militares, sendo 408 homens e 117 mulheres, todos eles de um estado do Nordeste brasileiro:

Três escalas adaptadas para o português foram usadas no estudo: Emotional Labour Scale, Emotion Work Requirements Scale e a subescala de exaustão emocional do Maslach Burnout Inventory. Análises de regressão múltipla foram realizadas para testar o poder preditivo das dimensões de trabalho emocional e de variáveis sociodemográficas sobre o burnout. Os resultados indicam que todas as dimensões de trabalho emocional se mostraram preditoras do burnout: variedade e intensidade das emoções, frequência de interação com suspeitos e criminosos, regulação profunda e regulação superficial, e a necessidade de expressar emoções positivas como parte do trabalho policial. Burnout. (ALVES; BENDASSOLLI; GONDIM, 2017, p. 459).

Os resultados do estudo apontam que a demanda policial exige um repertório emocional de alta performance. Em algumas situações é necessário sentir profundamente, estar preparado para o que vai encontrar pela frente, em outras faz-se necessário ocultar emoções negativas, como esconder o medo, já em outros casos é preciso expor emoções amigáveis, permanecer calmo, entre outros. Todo esse manejo e ajuste emocional precisa ocorrer frequentemente de forma intensa e recorrente, sendo esses os maiores preditores de exaustão emocional entre os policiais.

Isso não significa necessariamente que o estresse que sente o policial frente a situações que merece alta performance emocional seja uma falha desse profissional por apresentar repertório inadequado. O que o estudo evidencia é que a demanda do trabalho policial exige muito suporte emocional, e que dadas as circunstâncias enfrentadas é natural falhas nesse sentido, apontando para a necessidade aperfeiçoamento profissional e mudanças ambientais no contexto das atividades, as quais não estão sob controle dessa categoria profissional, como é o caso da violência, que é um fenômeno social de alta complexidade com muitas variáveis.

Lima, Lima e Oliveira et al (2018) realizaram um estudo com o propósito de identificar de forma preliminar a Síndrome de Burnout em policiais militares lotados na 2ª cia do 2º BPCOM, na cidade de Maracanaú-Ceará e sua relação com a prática de exercício físico. Ao todo foram avaliados 80 profissionais de ambos os sexos. Os dados foram coletados pelo questionário preliminar de Burnout proposto por Chafic Jbeili. 100% das mulheres entrevistadas realizaram atividade física regulamente assim como 85% dos homens. O resultado encontrado foi que 87% dos profissionais avaliados estavam, pelo menos, em fase inicial de Burnout, sendo que não houve diferença entre o grupo que realizava atividade física regularmente com aqueles que não praticavam.

Os realizadores do estudo deduziram que se não houvesse a prática de atividade física a incidência de Síndrome de Burnout em fase mais elevada seria mais evidente. Eles também consideram que esse número alto de profissionais com sintomatologia inicial de Burnout se explica pelo fato de ser esses policiais militares atuantes na região metropolitana de Fortaleza-CE, cidade com sétima posição entre as mais perigosas do mundo, segundo o World Atlas (2016).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A exploração da literatura pertinente ao tema sobre estresse na polícia militar nas delimitações e no rigor metodológico deste trabalho constatou poucas publicações, desse modo, pode se dizer que o objetivo de identificar como o estresse no ambiente de trabalho da Polícia Militar tem contribuído para o acometimento da Síndrome de Burnout foi parcialmente contemplado, já que foram encontradas apenas oito pesquisas.

De modo geral, as pesquisas encontraram alto nível de estresse no ambiente de trabalho do policial militar, e forte indício de Síndrome de Burnout ou de risco de desenvolver a referida síndrome. Todos os estudos apontaram que o enfrentamento de demandas de risco à vida, o contato constante com violências entre outras vulnerabilidades sociais, fazem da atividade policial uma variável para o desenvolvimento de doenças de cunho laboral.

Algumas pesquisas tentaram demonstrar que assim como o cenário de enfrentamento de demanda de risco é uma fonte de estresse em potencial, outras situações como questões administrativas e organizacionais de operacionalização do fazer policial, tais como a insatisfação com as funções desempenhadas, a realização de trabalho além do horário de expediente normal ou em horário irregular, o relacionamento entre superiores hierárquicos, entre outros, também podem ser uma variável em potencial para o desencadeamento de doenças dessa natureza.

Contemplam-se duas grandes possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do policial militar por demanda de estresse, por um lado pensa-se em um modelo adequado para o desempenho das atividades laborais, que considera toda questão organizacional e afins, e a outra grande possibilidade seria a construção de um cenário social menos arriscado e conflituoso para se trabalhar.

Muitas mudanças já ocorrem no que compete às questões de operacionalização das atividades da polícia militar, mas como contextualizou Pinheiro (2014), a reinvenção desse fazer profissional surge com cada vez mais complexidade, como é o caso do projeto da polícia

comunitária, o que demanda ainda mais do policial. Quanto ao cenário social menos arriscado, o que tem acontecido é o oposto com o crescimento da violência.

Para Ascarini (2016) a implementação de atividades para prevenção de saúde do trabalhador é uma importante estratégia para qualquer que seja a organização laboral, tendo em vista a possível diminuição da Síndrome de Burnout. Entre as alternativas, cabe a atividade física e a estimulação de um ambiente de trabalho como relações menos conflituosa. Guimarães (2014), cita ainda a necessidade de aplicação de um programa efetivo de diagnóstico, orientação e controle do estresse, através de avaliações médicas e psicológica regular, disposição de uma agenda de lazer, aumentar o número de policiais, a fim de evitar a sobrecarga de trabalho.

Não adianta apresentar alternativas se muitas delas não são viáveis a agenda policial, ou por falta de agenda ou por questões outras, portanto, caberia que essas implementações ocorressem dentro da própria organização polícia militar. O modelo policial precisa também ser constantemente debatido.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. M; LOPES, L. S. D; COSTA, V. M. S, et al. Avaliação do estresse ocupacional no cotidiano de policiais militares do Rio Grande do Sul. **Revista Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, Vol. 13, n. 26, jul.-dez. 2017. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/OC/article/view/7206>> acesso em novembro de 2018.

ALVES, J. S. C; BENDASSOLLI, P. F; GONDIM. G. Trabalho emocional e *burnout*: um estudo com policiais militares. **Revista. Psicol. Latinoam.** vol.35 no.3 Bogotá Sep./Dec. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242017000300459&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242017000300459&script=sci_arttext&tlng=pt)> . Acesso em novembro de 2018.

ARAÚJO, R. R; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, janeiro/março 2007. Disponível em <<http://www.regeusp.com.br/arquivos/442.pdf>>. Acesso em 31 de outubro de 2016.

ASCARI, R. A. DUMKE, M; DACOL, P. M et al. Prevalência de risco para Síndrome de Burnout em policiais militares. **Cogitare Enferm.** 2016 Abr/jun; 21(2): 01-10. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44610/28562>>. Acesso em 30 de outubro de 2016.

BRASIL. **Artigo 144 da Constituição federal**. Brasília, 1988.

DUARTE, A. Robocop: uma crítica ao empresariamento da segurança pública nas sociedades de controle. **Revista o público e o privado**. N. 28, jul/dez de 2016. Disponível em <[http://www.academia.edu/33491304/Robocop\\_uma\\_critica\\_ao\\_empresariamento\\_da\\_seguranca\\_publica\\_nas\\_sociedades\\_de\\_controle](http://www.academia.edu/33491304/Robocop_uma_critica_ao_empresariamento_da_seguranca_publica_nas_sociedades_de_controle)> . Acesso em novembro de 2018.

FRAGA, C. K. Peculiaridades do trabalho policial militar. **Revista Virtual Textos e Contextos**, n. 6, ano V, dez. 2006. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/1033>>. Acesso em setembro de 2018.

FRANÇA, F. B. (tese) **Sob a aparência da ordem**: sociabilidade e relação de poder na implantação da polícia solidária em João Pessoa. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2014.

GUIMARÃES, L. A. M; MAYER, V. M. BUENO, H. P. V. et al. Síndrome de Burnout e qualidade de vida de policiais militares e civis. **Revista Sul Americana de Psicologia**, v2, n1, Jan/Jun, 2014. Disponível em < file:///C:/Users/Cliente/Downloads/32-1-163-1-10-20140731.pdf>. Acesso em setembro 2018.

LIMA, F. R. B; LIMA, D. L. F; OLIVEIRA, A. A. R. et al. Identificação preliminar da síndrome de burnout em policiais militares. **Revista Motricidade**, 2018, vol. 14, n. 1. Disponível em <<https://search.proquest.com/openview/dccf16be2e1add96dba7b0773b314a75/1?pq-origsite=gscholar&cbl=616555>> Acesso em novembro de 2018.

LIPP, M; ROCHA, J. C. **Pressão alta e estresse**: o que fazer agora?. Campinas-SP: Papirus, 2007.

LIZ, C. M; SILVA, L,C; ARAB, C. et. al. Características ocupacionais e sociodemográficas relacionadas ao estresse percebido de policiais militares. **Revista Cubana de Medicina Milenar**. vol.43 no.4 Ciudad de la Habana oct.-dic. 2014. Disponível em <[http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0138-65572014000400007](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0138-65572014000400007)>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

MAGALHÃES, J; SILVA, G. A. da; SANTOS, Y. R. Os efeitos do stresse e burnout em militares: uma breve revisão bibliográfica para a identificação da problemática. **PSIQUE**. N.º 9 – Janeiro-Dezembro 2013 – pp. 75-97. Disponível em<<http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2704/1/Os%20efeitos%20do%20stresse%20e%20burnout%20em%20militares.pdf>>. Acesso em 30 de Outubro de 2016.

NEVES, L; OLIVEIRA, M, L, N.C; FERREIRA, D, F et al. Sintomatologia de estresse em policiais militares numa cidade do interior de Rondônia. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**. N° 1, volume 2, artigo nº 14, Janeiro/Junho 2016. Disponível em <<http://reinpec.srvroot.com:8686/reinpec/index.php/reinpec/article/view/163/60>>. Acesso em 30 de outubro de 2016.

Organização Mexicana de Violência e Paz. **As 50 cidades mais violentas do mundo**. México, 2016.

PAWLOWYTSCH, P. W. N; BATISTA, L. R; BATISTA, F. C. M. Um estudo exploratório sobre o estresse nos policiais militares de uma cidade catarinense. **Saúde Meio Ambient.** v. 2, n. 1, p. 93-108, jan./jun. 2013. Disponível em <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/433/360>>. Acesso em 30 de outubro de 2016.

PINHEIRO, dos S. A. **Polícia Comunitária e Cidadã.** Crato-CE: RDS, 2014.

PONCIONE, P. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do estado do rio de janeiro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 585-610, set./dez. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922005000300005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922005000300005&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em setembro de 2018.

ROLIM, M. **A Síndrome da Rainha Vermelha: policiamento e segurança pública no século XXI.** Rio de janeiro. Jorge Zahar, 2006.